

RABISCOS DE UM ESCRIVINADOR

(Nesta seção reproduzimos algumas das crônicas semanais publicadas pelo responsável por esta revista em "A Federação", jornal da vizinha cidade de Itu. Para identificação e referência bibliográfica, indicam-se as datas em que foram publicadas).

241. RECORDAÇÃO POÇOS-CALDENSE

Afirmei de certa feita que se tivesse de caracterizar com uma só frase a personalidade do eminente jurista mineiro, Dr. Cornélio Hovelacque, que viveu quase toda a sua longa existência em Poços de Caldas, prestando inestimáveis serviços à bela estância, diria simplesmente isto: "Deu a um filho o nome de Leibnitz..." Isto para mim diz tudo. E mais que o nome, transmitiu-lhe os traços significativos de sua individualidade, especialmente o profundo interesse pelas coisas de cultura. Leibnitz substituiu o pai não só nas lides forenses, como na direção da "Vida Social", a famosa livraria outrora existente na rua Bahia, denominada posteriormente "Prefeito Chagas", livraria de muita significação na vida da cidade.

Dizia-me há pouco Antônio Cândido, o grande mestre da literatura e da crítica literária e que viveu muitos anos em Poços, que talvez não houvesse cidade de interior no Brasil com uma livraria tão rica como a "Vida Social", da bela estância mineira. Encontrava-se em suas estantes o que havia de melhor em matéria de literatura, inclusive obras importadas, de valiosas coleções francesas, italianas, inglesas e até alemãs, muitas delas naquelas ricas encadernações que marcavam a excelência de tais edições. Explica-se: Poços de Caldas, na época, era freqüentada por uma verdadeira elite de intelectuais que se compraziam em cavaquear por horas a fio junto

às estantes da velha livraria. Sem contar que mais de um escritor de renome tomou a cidade como ambiente de seu livro. Sirva de exemplo a *Correspondência de uma estação de cura*, de João do Rio (Paulo Barreto), que está para ser reeditada, com excelente introdução, aliás já divulgada, do mesmo Antônio Cândido há pouco citado.

Com o tempo, a situação modificou-se, infelizmente para pior, mas a livraria dos Hovelacques manteve-se ainda por muito tempo, nos últimos anos num misto de livros e “souvenirs”, que é o que mais interessa ao turista de hoje.

As visitas que, pelo menos uma vez por ano, costumo fazer à bela cidade valem por verdadeiro “programa da saudade”. Vivi em Poços alguns anos de minha adolescência (isto há mais de 60 anos...), acompanhei o desenvolvimento da cidade e sempre tive em Leibnitz Hovelacque um excelente ponto de apoio no meu relacionamento com a bela estância. Não compreendia uma ida a Poços sem a oportunidade de com ele “cavaquear”, a princípio em sua livraria e, depois do desativamento desta, em sua acolhedora casa, no recesso de sua rica biblioteca, para onde levou praticamente o que restou da loja. E a crônica da cidade sempre foi o tema principal dos nossos “papos”.

Infelizmente, da última vez, já não encontrei o bom amigo, falecido apenas um mês antes, depois de tenaz enfermidade. E o não encontrá-lo implicou num incrível vazio nas minhas tardes poços-caldenses. Ainda bem que o mestre Jurandir Ferreira continua firme, em seus quase noventa janeiros, sempre a desempenhar o papel de meu “professor de Poços de Caldas”. Aí nasceu e aí sempre vivendo, conhecendo sua história como ninguém. História que retratou em crônicas admiráveis (algumas das quais teve a gentileza de me dar a ler nos originais), que, segundo estou informado, serão brevemente editadas pela “Casa de Cultura”, esplêndida realização que vem de ser criada na cidade sob o patrocínio da Fundação Moreira Sales. (*) Leibnitz e Jurandir entram na categoria tão bem caracterizada por Tocqueville quando falava dos “homens archives”, sem os quais é impossível escrever a história de qualquer cidade. 18-1-1992.

*

(*) Pouco depois de publicado este artigo foram, de fato, editadas as crônicas de Jurandir Ferreira (Da quieta substância dos dias), bem como reeditada a *Correspondência de uma estação de cura*, ambas por iniciativa da Casa de Cultura de Poços de Caldas (Instituto Moreira Sales).

242. HOLANDÊS QUE DEIXOU SAUDADES

Quando se escrever sobre o ensino da História em nosso País, particularmente em São Paulo, menção especial merecerá sem dúvida o professor holandês José van den Besselaar, que por muitos anos viveu entre nós, com assinalada folha de serviços no campo dos estudos históricos e filológicos. Retirando-se para a Holanda, veio a falecer em meados do ano passado, deixando saudade em todos os que o conheceram. Fomos companheiros de trabalho por muitos anos na antiga Faculdade de Filosofia de São Bento (incorporada posteriormente à PUC de São Paulo), participamos de numerosas reuniões culturais em diversos lugares do Brasil e colaboramos em alguns projetos no vasto campo da Introdução ou Iniciação aos Estudos Históricos. Como bom holandês, era Besselaar dotado de excelente cultura humanística, o que lhe permitia dominar as línguas clássicas e diversas das modernas, a começar pelo português, que falava e escrevia com invejável correção. Basta dizer que os livros e artigos que publicou em nosso País foram todos escritos diretamente em português, sem necessidade de que alguém os revisse.

Notando a falta, para seus alunos, de um manual que os introduzisse na seara da História, preparou Besselaar livro realmente pioneiro neste campo de estudos, acolhido primeiramente nas páginas da "Revista de História", e tirado posteriormente, devidamente revisado, em edição comercial, ainda encontrável no mercado. Além desta obra, deixou Besselaar *As interpretações da História através dos séculos*, obra única na bibliografia histórica brasileira, e que bem está a merecer uma edição comercial, pois foi publicada apenas em edição particular na coleção da já citada "Revista de História". esplêndida realização do saudoso Professor Eurípedes Simões de Paula.

A última vez em que nos encontramos, retornado já à Holanda, mas vindo ao Brasil especialmente para esta finalidade, foi num encontro sobre Introdução aos Estudos Históricos, promovido pelo Professor José Pedro Esposel na encantadora cidade fluminense de Nova Friburgo, onde, em agradável semana de julho de 1968, se reuniram alguns dos expoentes dessa especialidade no Brasil: José Honório Rodrigues (Rio de Janeiro), José Pedro Esposel (Niterói), Almir de Oliveira (Juiz de Fora), Daniel do Vale (Belo Horizonte), Cecília Maria Westphalen e Altiva Pilatti Balhana (Curitiba), Maria Lúcia de Souza Rangel Ricci (Campinas), Maria da Conceição Martins Ribeiro (Rio Claro), entre outros.

Ausente do Brasil, continuou em contato com seus muitos amigos brasileiros e com as entidades culturais de que participou ativamente

nos anos de sua residência em São Paulo, notadamente a Sociedade de Estudos Filológicos e a Associação Nacional de Professores Universitários de História, da qual foi um dos fundadores. Na universidade de sua cidade, Nimegen, lecionava literatura portuguesa e brasileira. Significativamente, a participação de seus funerais veio redigida em holandês e em português. Nenhum jornal de nossa terra dedicou uma linha sequer ao seu falecimento. Talvez esta nota da prestigiosa folha ituana seja, embora tardiamente, a única homenagem ao grande mestres. (*) 8-2-1992.

243. "BRASILIANA", Nº 200

Quando a preciosa coleção "Brasiliana" alcançou o nº 200 de suas publicações - isto em 1941 - a Companhia Editora Nacional houve por bem escolher para marcar a ocorrência a grande obra de Charles Frederick Hartt, *Geologia e geografia Física do Brasil*, publicada originalmente em Boston, em 1870, e que pela primeira vez seria traduzida para a nossa língua, mais de setenta anos depois da edição norte-americana. Incumbiram-se da tradução Edgard Sússekind de Mendonça e Elias Dolianitti, trazendo o volume prefácio de Roquette Pinto.

Charles Frederick Hartt (1840-1878) esteve quatro vezes no Brasil. A primeira, em 1867, quando, em companhia de Agassiz, integrou a "Thayer Expedition", e a última, quase vinte anos depois, tendo desta vez a companhia de Orville Derby, que se radicou no Brasil prestando assinalados serviços à ciência em nosso País. A convite do governo imperial, Hartt organizou o Serviço Geológico do Império, órgão que, passando pelas naturais transformações decorrentes de seu próprio desenvolvimento, ainda existe, tendo prestado, em sua mais que centenária existência, a mais marcante contribuição à ciência geológica e mineralógica. Pouco tempo Hartt ficou à frente do organismo que criou, pois faleceu em 1878, no Rio de Janeiro.

Em seus contatos com o Brasil, Hartt fez explorações geológicas nos arredores do Rio de Janeiro, na costa leste e na Amazônia, deixando um número considerável de publicações científicas do mais alto valor. Além de seus trabalhos especializados, monografias de grande interesse para a geologia e a mineralogia (e algumas também para a etnologia e a lingüística), deixou um livro mais geral, a *Geology and Physical Geography of Brazil*, alentado volume de mais de 600 páginas com mapas e ilustrações, obra que

(*) Posteriormente vim a tomar conhecimento de excelente artigo do Professor Almir de Oliveira em jornal de Juiz de Fora, pouco após o falecimento de Besselaar.

Capistrano de Abreu, com toda a propriedade, considerou o primeiro livro científico sobre a geografia do Brasil.

Para a edição brasileira, que veio a constituir o volume nº 200 da "Brasiliiana", Roquette Pinto escreveu expressivo prefácio, do qual vale destacar o seguinte trecho: "O encanto que têm os trabalhos de Hartt, vem ao que penso, dos acentuados traços artísticos de sua personalidade. Era emérito observador, incansável e atento; mas possuía alma de apurada sensibilidade. Hartt era mestre do desenho a bico-de-pena e pianista de seguros dotes. Este livro está muito longe de ser um apanhado enxuto e áspero da geologia do Brasil. Ao contrário. Nele palpita a vida de nosso povo: usos, costumes, notas históricas, anedotas, traços de informações locais e cores bem típicas de todo o panorama do Brasil de 1870. O naturalista, felizmente, deixou discípulos. Entregou a sua escola a Orville Derby e a Gonzaga de Campos. Ela floresceu como devia, por ser de boa semente".

Publicado, como se indicou, em 1870, o grande livro de Hartt levou setenta anos para ser traduzido para a língua do país de que ele trata. E esta tradução data já de meio século. Nunca foi reeditada. Está hoje na categoria dos livros raros, altamente cotado pelos alfarrabistas. Daqui a pouco será tão raro quanto a edição original. 15-2-1992.

*

244. ALMIR DE ANDRADE

Em última das últimas reuniões da Academia Paulista de Letras, no ano passado, o acadêmico Miguel Reale comunicou à casa a triste notícia do falecimento, no Rio de Janeiro, onde sempre viveu, do professor Almir de Andrade, uma das mais vigorosas expressões do pensamento brasileiro, na opinião do ilustre acadêmico. E em palavras repassadas de emoção, lembrou Reale a contribuição de Almir de Andrade para a cultura brasileira, atendo-se naturalmente à sua produção filosófica, das mais profundas já surgidas entre nós. Nada a acrescentar às palavras de mestre Reale. Apenas julguei oportuno complementá-las lembrando a contribuição de Almir de Andrade para os estudos históricos no Brasil, ressaltando especialmente seu grande livro *Os primeiros estudos sociais no Brasil*, publicado em 1941 na preciosa coleção "Documentos Brasileiros", da Editora José Olympio, do Rio de Janeiro, e infelizmente nunca reeditado.

Trata-se, com efeito, de um dos mais sérios estudos já realizados sobre as fontes de nossa história. Nele, o autor passa em revista e analisa com proficiência praticamente tudo quanto se publicou sobre nosso País nos séculos XVI, XVII e XVIII. Foi anunciado um segundo volume, que abrangeria os séculos XIX e XX, mas infelizmente não chegou a ser publicado, por ter o autor desviado seus interesses para outras áreas do conhecimento. Completada a obra, pretendia o autor que ela contivesse elementos para o estudo da "Formação da Sociologia Brasileira", título geral que foi dado ao livro, figurando "Os primeiros estudos sociais" como subtítulo. Truncada, assim, a obra, ficamos nós, interessados no conhecimento da história brasileira, privados da análise e crítica referentes aos séculos XIX e XX, que seria talvez, pelo menos quanto ao século passado, do mais alto interesse, pois nele entrariam os grandes viajantes estrangeiros que escreveram sobre o Brasil.

Publicado, como se disse, em 1941, conta o livro já com mais de meio século e não tendo sido reeditado, tornou-se obra bastante rara, cotada por alto preço quando aparece em algum alfarrabista. É uma pena, por exemplo, que a riquíssima relação das fontes indicadas com toda a precisão pelo autor não tenha sido atualizada nas suas referências bibliográficas, para que se conheça o que se publicou no Brasil após 1941. Alguns casos, apenas, que me parecem significativos: quando do aparecimento do livro, a clássica obra de Rocha Pita sobre a "América Portuguesa" só era encontrável em edições do século passado, já raríssimas; no entanto, dispomos hoje de pelo menos quatro ou cinco novas edições do famoso livro. Outro: o indispensável Antonil (*Cultura e Opulência do Brasil*), na época só era encontrável na edição Taunay, de 1921, ao passo que dispomos hoje de meia dúzia de novas edições, algumas bem melhores que as de Taunay. E outros exemplos poderiam ser mencionados.

O livro de Almir abrange todos os que deram notícias do Brasil desde as cartas de Vespuccio, do início do século XVI, até a obra naturalística de Alexandre Rodrigues Ferreira, de fins do XVIII. Entre eles, viajantes, missionários, cronistas, militares, exploradores, etc.. Se alguém se dispusesse à tarefa de atualizar as referências bibliográficas de todo esse elenco de fontes, prestaria assinalado serviço à cultura histórica do Brasil. 22-2-1992.

*

245. HONROSA DESPEDIDA

Uma das mais belas folhas de serviço à imprensa paulista é a que nos apresenta Hélio Damante, que vem de se despedir da "ativa" após mais

de meio século, contado de 9 de abril de 1940, quando passou a redigir a seção religiosa de "O Estado de S. Paulo", convidado pelo conhecido JR (Júlio Rodrigues), que desde muito mantinha a importante seção do grande jornal paulistano. Segundo informa o próprio Hélio Damante, fora o período de "ocupação" do jornal, trabalhou com três gerações da família Mesquita. E aos 72 anos, permanecia como remanescente de uma geração de professores normalistas, quase todos procedentes do interior e que teve destacada atuação na vida do jornal.

Posteriormente, ao lado da seção religiosa, assinada sempre por HD (substituindo ao JR de outros tempos), teve a seu cargo a seção do interior, bastante conceituada em certa época. Espírito aberto, do ponto de vista religioso, HD soube dar à sua seção um caráter quase ecumênico, o que a tornava lida e apreciada mesmo por aqueles que não fossem católicos.

Mas, em Hélio Damante não se deve ver apenas o homem de jornal, embora fosse este o traço predominante de sua personalidade. Deve ele ser visto também como folclorista e historiador, áreas sobre as quais muito escreveu em jornais, revistas especializadas e livros. Honro-me de o ter como confrade em duas Academias (a Paulista de História e a Paulista de Jornalismo) e ainda no Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo e há muito acompanho seus trabalhos de investigação histórica. Nesse setor, além de *Nova Paulística*, publicado pela Secretaria de Cultura do Estado (e cujo título evoca iniludivelmente o clássico livro de Paulo Prado), cuidou da reedição de obras importantes publicadas igualmente pela mesma entidade oficial, como a tradução da *Esquisse d'Histoire du Brésil*, do Barão do Rio Branco e as memórias do ituano Adolfo Pinto. A estas, acrescentou Hélio Damante, além do prefácio, mais de uma centena de notas de pé-de-página, que esclarecem sobremaneira o texto, identificando nomes, lugares e acontecimentos ali referidos.

Em *Nova Paulística*, o autor apresenta uma coletânea de ensaios que constituem interessante painel da história de São Paulo, e que se inicia com uma introdução que vale por uma das melhores sínteses da história paulista. Seguem-se capítulos sobre povoamento, fundação de cidades, imigração italiana, o progresso material e cultural e a evolução das idéias.

No campo do folclore (onde teve a quem sair, pois seu pai, Professor Francisco Damante, foi um dos pioneiros dos estudos folclóricos paulistas), sua atuação foi destacada, integrando comissões especializadas e publicando numerosos trabalhos, inclusive sobre a cultura caipira. Dentre seus estudos nesta seara cumpre destacar o volume relativo a São Paulo de uma coleção intitulada "Folclore Brasileiro".

Hélio Damante é autor, ainda, de uma monografia histórica sobre a Catedral de São Paulo, incluída no volume *Ensaio Paulistas*, publicado pelo "O Estado" no ano do quarto centenário da capital paulista. E por falar em quarto centenário, convém lembrar que Hélio Damante foi um dos mais eficientes colaboradores do historiador português Jaime Cortesão na organização da belíssima "Exposição de História de São Paulo", que foi o ponto alto, culturalmente falando, das comemorações de 1954.

Aos seus amigos Hélio Damante fez distribuir uma despedida (honrosa despedida!) que vale por verdadeira "fé de ofício", enumerando sua multifacetada atividade, inclusive como professor da Escola de Jornalismo, vereador à edilidade paulistana e assessor da ilustres homens públicos. 7-3-1992.

246. "ENCORE UN LIVRE SUR LE BRÉSIL!"

Mais um livro sobre o Brasil! Esta frase, colocada no início de um livro poderá predispor o leitor a duas atitudes bem diversas, resultantes ambas da natureza e do conteúdo da obra que ele pretenda ler. Tanto poderá ser tomada no sentido de uma intolerável mas freqüente redundância, ou, ao contrário, poderá augurar o encontro de algo novo ou, senão novo, pelo menos pouco cuidado, especialmente partindo, como é o caso, de um autor estrangeiro que, nas suas andanças, passou pelo Brasil. Com satisfação, posso afirmar que deve ser esta a atitude de quem se dispuser a ler as *Visions du Brésil*, de L. A. Gaffre, publicado por Aillaud (Paris/Rio de Janeiro) em 1912.

O autor ocultou seus prenomes sob iniciais, que se traduzem por Louis Albert. Da mesma forma, calou sua qualidade de padre dominicano. Se, para o nome completo, precisa-se apelar para os catálogos bibliográficos ou enciclopédias (e poucas o mencionam), já para a sua identificação intelectual e profissional basta ler as primeiras páginas do livro. O sacerdote está presente em todo ele, embora sem necessidade de uma declaração explícita. Por que esta atitude? Prudência? Precaução? Nada, a nosso ver, a justifica.

O interessante é que a visita do ilustre sacerdote coincidiu com uma época significativa na história do catolicismo no Brasil. A Igreja nunca se conformou com a laicização imposta pela República. O mesmo aconteceu na terra do autor. Se lá houve terrível animosidade contra a Igreja - e certamente o Padre Gaffre sentiu em sua formação os efeitos desta - o mesmo já não se poderá dizer do Brasil. E Gaffre aproveita para dar em sua "visão

do Brasil” um excelente balanço de como se encontravam as ordens e congregações religiosas no país (muitas delas francesas...) e especialmente sua contribuição ao setor educacional.

O dominicano francês adquiriu fama de grande orador, solicitado freqüentemente para pregar em grandes igrejas não só de seu país, mas também da Espanha (onde viveu muito tempo) e de outros lugares por onde andou. Não sei se no Brasil chegou a pregar em alguma igreja. Pelo menos ele não o menciona.

Nascido em 1864, faleceu com apenas 50 anos, em 1914. Deixou muitos livros de interesse religioso e literário, inclusive o libreto de uma ópera, “David”, posta em música por um certo Dietrich (seria Albert Dietrich, que viveu entre 1829 e 1908?). Dedicou-se também à escultura, deixando, como obra prima, “Joana d’Arc na fogueira”. Com tudo isto, tornou-se esquecido em seu próprio país. Nenhuma enciclopédia francesa o menciona. Apenas na grandiosa “Espasa-Calpe” encontrei estes poucos dados que estou mencionando. O que mais surpreende é que o Professor Georges Raeders, em seu precioso catálogo de livros franceses sobre o Brasil, publicado em 1960, ainda o dá como vivo, quando fazia já mais de meio século que havia falecido.

Em seu livro (que bem mereceria uma tradução) uma página toca particularmente aos leitores de Campinas. Ao visitar esta cidade, teve oportunidade de encontrar-se com Rui Barbosa, que aí se encontrava em visita a seus parentes na Fazenda Rio das Pedras. Desde que chegou ao Brasil, procurou Gaffre uma oportunidade de encontrar-se com Rui. Houve numerosos desencontros. E a ocasião esperada surgiu em Campinas. Vale a pena ler o depoimento do sacerdote francês sobre o grande brasileiro. 21-3-1992.

